



A Tecnificação da Existência e a Erosão do Cuidado: Uma Análise Crítica da Saúde na Era da Performance Digital

The Technification of Existence and the Erosion of Care: A Critical Analysis of Healthcare in the Age of Digital Performance

La tecnificación de la existencia y la erosión de la atención: un análisis crítico de la atención médica en la era del desempeño digital.

Luís Henrique da Silva Costa

¹ Faculdade Pitagoras-São Luís-MA

Correspondência

psi.luishenrique@gmail.com

Direitos autorais:

Copyright © 2026 Luís Henrique da Silva Costa

Licença:

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY-SA

Submetido:

05/04/2026

Aprovado:

10/04/2026

ISSN:

2966-1218

Introdução

A transição para o século XXI prometia uma revolução sem precedentes na saúde, ancorada na precisão algorítmica e no acesso instantâneo à informação. Contudo, o que observamos hoje é o fenômeno da "morte da qualidade de saúde", uma progressiva desumanização onde o paciente é fragmentado em dados estatísticos e métricas de produtividade. Nesta era de exposição total, o cuidado perde seu caráter ritualístico e meditativo para se tornar apenas mais um produto de consumo rápido e descartável.

O esgotamento contemporâneo não é fruto apenas do excesso de trabalho físico, mas de uma coerção interna pelo desempenho constante que permeia até o autocuidado. A saúde deixou de ser um estado de equilíbrio para se transformar em um projeto de otimização infundável, onde o indivíduo se sente compelido a monitorar cada batimento cardíaco e caloria. Essa vigilância digital, longe de trazer bem-estar, gera uma ansiedade crônica, transformando a busca pela vida plena em uma jornada de cansaço existencial.

Neste cenário, a Revista Cedigma propõe uma reflexão profunda sobre como resgatar a qualidade da saúde frente à frieza das telas e à velocidade das redes. É necessário questionar se a tecnologia está a serviço da vida ou se a vida foi sequestrada pela lógica da eficiência tecnológica. Através do diálogo entre a filosofia e a ciência, buscamos compreender o vazio que reside

entre o diagnóstico técnico e a experiência subjetiva do sofrimento humano na modernidade.

Desenvolvimento

A crise da saúde na era digital reflete o que Byung-Chul Han denomina "Sociedade do Cansaço", onde a autoexposição e a pressão por produtividade eliminam a negatividade do sofrimento. Na busca por uma positividade absoluta, a dor é silenciada por fármacos e notificações, impedindo que o indivíduo processe suas angústias de forma autêntica. A saúde torna-se, então, uma performance estética e funcional, ignorando que o ser humano necessita de pausas e de uma "vida contemplativa" para a verdadeira cura.

A liquidez das relações, descrita por Zygmunt Bauman, também atinge a relação médico-paciente, transformando o encontro terapêutico em uma transação comercial efêmera e superficial. Em um mundo de "Amor Líquido" e conexões frágeis, o cuidado perde sua solidez, e os indivíduos buscam soluções mágicas em plataformas digitais que prometem saúde instantânea. Essa fragilidade dos vínculos impede a construção de uma aliança terapêutica real, essencial para o tratamento de patologias que exigem tempo, escuta e profundidade.

Arthur Schopenhauer nos lembra que a vida oscila entre a dor e o tédio, sendo o desejo insaciável a fonte de nosso sofrimento constante na existência humana. Na era digital, esse desejo é potencializado por algoritmos que prometem um bem-estar inalcançável, gerando uma frustração

metafísica constante em cada usuário conectado. Ao negarmos a natureza trágica da existência, conforme sugerido pelo filósofo, acabamos por adoecer na tentativa vã de controlar todas as variáveis biológicas através de aplicativos.

A herança do dualismo de René Descartes ainda ecoa fortemente na medicina digital, que trata o corpo como uma "máquina" (res extensa) dissociada da mente pensante. Essa visão mecanicista é levada ao extremo pela inteligência artificial, que reduz a complexidade da vida a códigos binários e processos puramente biofísicos. Ao focar apenas no funcionamento mecânico dos órgãos, a saúde digital esquece a subjetividade e a história de vida que compõem a unidade do ser.

Jean-Paul Sartre argumenta que somos "condenados a ser livres" e que essa liberdade gera uma angústia inerente à nossa responsabilidade total sobre nossa própria existência. No entanto, o homem digital foge dessa responsabilidade ao delegar suas escolhas de saúde a algoritmos e influenciadores, caindo no que Sartre chama de "má-fé". A perda da qualidade na saúde ocorre quando abrimos mão da nossa autonomia existencial em troca do conforto de protocolos genéricos e automatizados.

Fiódor Dostoiévski, em suas obras, mergulhou nas profundezas do subsolo da alma humana, revelando que a irracionalidade e o sofrimento são partes indissociáveis da nossa dignidade. A era digital tenta higienizar essa complexidade, buscando uma felicidade programada que sufoca a verdadeira natureza do homem, que muitas vezes prefere o caos à ordem.

Sem o reconhecimento das nossas sombras e contradições, a saúde torna-se uma casca vazia, uma estrutura técnica sem qualquer ressonância com a alma.

A digitalização da vida promove uma transparência que, segundo Han, destrói a distância necessária para o respeito e para o mistério que envolve o adoecer e o curar. Quando tudo se torna visível e quantificável, a saúde perde sua dimensão sagrada e ética, tornando-se apenas processamento de informações em uma rede global. O imperativo da transparência exige que o doente esteja sempre disponível e funcional, o que é uma negação da vulnerabilidade essencial que nos define.

Por fim, a morte da qualidade de saúde é o resultado de uma sociedade que prioriza o "ter" dados sobre o "ser" humano em sua integralidade. Precisamos retornar ao sentido originário da clínica, que pressupõe a inclinação sobre o outro em sua dor única e singular, para além das telas. Só assim poderemos transmutar a frieza dos bits na calidez do cuidado real, resgatando a saúde como um ato de resistência contra a automatização da vida contemporânea.

Conclusão

Em suma, a qualidade da saúde na era digital só será recuperada quando a técnica for novamente subordinada à ética e à filosofia. Não basta acumular gigabytes de exames se não houver um espaço de acolhimento para a angústia e para o sentido do sofrimento. O desafio da Revista Cedigma e de todos os profissionais de saúde é humanizar o digital, garantindo que a tecnologia

seja uma ponte para o cuidado, e não um muro que isola o ser humano em sua solidão conectada. Que este editorial sirva como um chamado para despertarmos do sono dogmático da eficiência e retornarmos à essência do humano.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Notas do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- HAN, B. C. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo: UNESP, 2005.